

Apresentação

Dossiê Antropologia e Performance

O Dossiê Antropologia e Performance resulta do trabalho de pesquisadores do Núcleo de Antropologia, Performance e Drama (Napedra), um dos grupos de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP. Fundado em 2001, o Napedra reúne antropólogos em busca de saberes associados às artes performativas, e pesquisadores das artes interessados em antropologia, da USP, Unicamp, Unesp e outras instituições. De 2008 a 2013, o grupo desenvolveu, com apoio da Fapesp, o projeto temático “Antropologia da Performance: Drama, Estética e Ritual”.

Ao longo do período, foram organizados vários eventos acadêmicos na USP e em outros locais de São Paulo, entre os quais duas semanas de encontros com Richard Schechner (com oficinas e palestras), em 2012; o *Encontro Internacional de Antropologia e Performance* (EIAP), em 2011; e o *I Encontro Nacional de Antropologia e Performance*, em 2010. Este dossiê é um desdobramento desses eventos.

Em campos acadêmicos e artísticos, o conceito de performance adquire formas variadas, cambiantes e híbridas; há algo de não resolvido neste conceito, que resiste às tentativas de definições conclusivas ou delimitações disciplinares. Aquém ou além de uma disciplina, ou até mesmo de um campo interdisciplinar, os estudos de performance configuram, para alguns autores, uma espécie de antidisciplina¹. A partir de diferentes campos do saber e expressão artística – desde o teatro e as artes performativas à antropologia, sociologia, psicanálise, linguística,

pesquisas sobre folclore, e estudos de gênero – formula-se o conceito de performance.

Alguns nomes logo vêm à mente: Erving Goffman (sociologia); Victor Turner e Milton Singer (antropologia); Richard Schechner (teatro e antropologia); Richard Bauman (estudos de folclore, arte verbal e antropologia); Judith Butler (estudos de gênero); John Austin, Dell Hymes e Charles Briggs (linguística e etnolinguística); Paul Zumthor (literatura oral); J. L. Moreno (psicodrama). Chamam atenção, ainda, os estudos em etnocenologia de Jean-Marie Pradier. Quanto ao teatro e às artes performativas, seria preciso retomar a história (e pré-história) das vanguardas artísticas do século XX: Cubismo, Surrealismo, Dada; o teatro de Bertolt Brecht, Antonin Artaud, Jerzy Grotowski e Eugenio Barba; a música de John Cage; a dança de Isadora Duncan e de Ann Halprin; os happenings de Allan Kaprow; as intervenções performáticas de Coco Fusco e de Guillermo Gómez-Peña; o teatro de rua; a guerrilha teatral feminista e WITCH (*Women's International Terrorist Conspiracy from Hell*). Na antropologia, a literatura é extensa. Além de alguns dos nomes citados acima, seria preciso mencionar outros: Marcel Mauss (referência clássica para estudos de técnicas corporais e noção de pessoa); Clifford Geertz (antropologia interpretativa inspirada em noções de “dramatismo” e “ação simbólica” de Kenneth Burke); Marshall Sahlins (referência para a distinção entre estruturas “prescritivas” e “performativas”); Stanley Tambiah, Barbara Myerhoff e Sally Falk Moore (estudos de rituais); Diana Taylor (corpo e memória); John Blacking (corpo e música); Anthony Seeger e Alan Merriam (antropologia da música); Anya Royce, Judith Hanna e André Lepecki (dança); Edward Bruner e Barbara Kirshenblatt-Gimblett (antropologia do turismo); Joel Sherzer, Dennis Tedlock, Ruth Finnegan, Jack Goody, Walter Ong e Jan Vansina (etnopoética e literatura oral); Peter McLaren (rituais e educação). Estudos que se inspiram em noções de jogo, brincadeira e enquadramentos

lúdicos (*play frames*) também são relevantes: Gregory Bateson, Mikhail Bakhtin, Johan Huizinga, Roger Caillois, Brian Sutton-Smith. Observa-se que os escritos de Kenneth Burke, mencionados acima em parênteses, inspiram não apenas a abordagem de Geertz, mas também as de Turner, de Goffman e de Bauman.

Nos anos 1970, se evidencia uma “virada performativa” (*performance turn*) na antropologia². Em sua vertente dramatúrgica, ela se manifesta nos escritos de pesquisadores como Victor Turner, Richard Schechner, Clifford Geertz, Barbara Myerhoff, Barbara Kirshenblatt-Gimblett e Edward Bruner. O filósofo e crítico literário Kenneth Burke, que elaborou os conceitos de dramatismo (*dramatism*) e ação simbólica para análise da vida social, é um dos seus precursores. Na sociologia, a força dessa abordagem se manifesta nos trabalhos de Erving Goffman. Nos substratos dessas discussões, Marcel Mauss.

Para o campo da antropologia é de particular interesse a parceria formada por Schechner e Turner. Conforme uma história recorrente, nos anos de 1970, o diretor de teatro experimental Richard Schechner faz a sua aprendizagem na antropologia com Victor Turner, ao mesmo tempo em que Turner, em sua relação com Schechner, torna-se aprendiz de teatro. Desse contato surge um novo campo de estudos entre teatro e antropologia. Dois livros marcam o seu momento originário: *From ritual to theatre: the human seriousness of play*, de Victor Turner (1982); e *Between theater and anthropology*, de Richard Schechner (1985). O ensaio “Pontos de contato entre o pensamento antropológico e teatral” é o primeiro capítulo do livro de Schechner. Neste dossiê vem publicado um artigo inédito, “Pontos de contato revisitados”, apresentado por Schechner na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, em 4 de julho de 2012, a convite do Napedra.

No texto, Schechner revê seu ensaio de 1985, a partir da “virada performativa” na antropologia, e apresenta três (novos) pontos de contato

entre antropologia e teatro: 1. incorporação³ – a experiência como base do conhecimento nativo que é compartilhado por meio da performance; 2. as fontes da cultura humana como performativas; e 3. o cérebro como um local de performance. O que fundamenta estes três pontos de contato, como mostra Diana Taylor (2003, pp. 16-33), é o fato de que a performance constitui um repertório de conhecimento incorporado, uma aprendizagem no e através do corpo, bem como um meio de criar, preservar e transmitir conhecimento.

Em estudos de performance na antropologia – particularmente na vertente dramática de Schechner, Turner e Geertz – observa-se uma problematização dos paradigmas da ordem. Na contramão de análises gramaticalizantes, as atenções se voltam aos elementos estruturalmente arredios: resíduos, rasuras, interrupções, tropeços e fenômenos liminares.

Também se observa a centralidade da noção de experiência nas obras desses autores. A partir do pensamento de Wilhelm Dilthey, Turner e Geertz elaboram uma antropologia da experiência. A inspiração também vem de Schechner. “Aprendi com ele (Schechner)”, diz Turner (1985, p. XI), “que toda performance é ‘comportamento restaurado’, que o fogo do significado irrompe da fricção entre as madeiras duras e suaves do passado (...) e presente da experiência social e individual”. Esta ideia está no cerne da antropologia da experiência elaborada por Turner. A antropologia da performance faz parte de uma antropologia da experiência. De acordo com Turner (1982, p. 14), uma experiência se completa ou se realiza por meio de uma performance, ou forma de expressão.

Uma segunda vertente de estudos de performance merece destaque na antropologia. A partir das pesquisas de John Austin na linguística – as *William James Lectures* de 1955 apresentadas na Harvard University, publicadas em *How to do things with words* (Austin, 1962) –, Dell Hymes (1962) elaborou uma linha de estudos: a etnografia da fala. Em 1977, o antropólogo e folclorista Richard Bauman publicou *Verbal art*

as performance. Algumas das primeiras discussões das dimensões performativas da linguagem se encontram em *Coral gardens and their magic*, de Brownislaw Malinowski (1935). A palestra de Bauman apresentada no *Encontro Internacional de Antropologia e Performance – EIAP – (2011)*, a convite do Napedra, faz parte deste dossiê.

A análise de um processo de recontextualização da performance narrativa de uma mídia para outra, apresentada no artigo “O ‘narrador de máquina falante’: Cal Stewart e a remediação da contação de histórias” de Richard Bauman, se situa no âmbito de uma abordagem antropológica da performance próxima à linguística. O autor recorre à descrição de redes intertextuais e de dispositivos formais da lógica que modela a “remediação” da contação de histórias de tradição oral para as gravações comerciais de áudio, no início dos anos 1900 nos Estados Unidos. Um dos resultados dessa análise é mostrar como nesse processo uma imagem popular deste estilo de narrativa é promulgada como “cultura residual, como forma de expressão fadada ao declínio junto com as formações sociais e culturais nas quais tinha suas raízes”.

As distinções entre essas duas vertentes – a dramatúrgica ou teatral, e a narrativa – não devem ser exageradas. Performances narrativas – que, de acordo com Bauman, realçam a experiência – têm dimensões teatrais: performers interagem com audiências. Por sua vez, performances teatrais – que, de acordo com Turner, completam ou realizam uma experiência – têm dimensões narrativas: performers e audiências, no registro da subjuntividade, dizem algo sobre si e seus mundos.

Também merece atenção uma linhagem de estudos, distinta embora muito próxima aos estudos de performance: a etnocenologia. Nos anos 1990, Jean-Marie Pradier fundou um grupo de pesquisa interdisciplinar sobre comportamentos humanos espetaculares organizados – que se tornou o Laboratório de Etnocenologia. Em 1995, ele publicou “Ethnoscénologie manifeste” (Pradier, 1995). Nesse ano, os proponentes

desta disciplina a lançam oficialmente, na França, sob os auspícios da UNESCO/Maison des Cultures Du Monde e da Universidade Paris 8. Em novo registro, são retomadas algumas das questões enunciadas por Marcel Mauss. A apresentação feita por Pradier no EIAP (2011) também compõe este dossiê.

No artigo “Etnocenologia: as encarnações do imaginário. Unidade da Espécie. Diversidade dos olhares”, Pradier aborda os obstáculos que a disciplina encontrou para se desenvolver na França. O principal argumento do trabalho, todavia, se desenvolve em torno da questão da percepção visual e suas deturpações quando o objeto estético “observado é precisamente um corpo vivo que se oferece à visão em uma ação especialmente composta para um público – uma *performance*”. O autor analisa o caso de duas mulheres no século XIX que foram objetos de exibição pública – Magdeleine G e Saartije Baartman, chamada Vênus Hotentote –, relacionando o evolucionismo e a moral vitoriana à erotização do corpo colonizado e à projeção de fantasias sexuais dos cientistas sobre corpos femininos exóticos. Levando com estes exemplos que se considere de maneira crítica a perspectiva científica e o conhecimento tácito do praticante. Pradier conclui ainda sobre “a necessidade inelutável de uma interdisciplinaridade, na direção, sem dúvida, de uma transdisciplinaridade ideal num distante futuro”.

Outros autores importantes para o campo de estudos de performance na antropologia participam do dossiê. Merece atenção a contribuição de Diana Taylor, fundadora/coordenadora da Hemispheric Institute of Performance and Politics, e colega de Schechner no Departamento de Estudos da Performance da Tisch School of the Arts, da New York University (NYU). Em “Performando a cidadania: artistas vão às ruas”, Diana Taylor analisa a turbulenta eleição mexicana de 2006, a partir de enunciados, exibições e atos cerimoniais que ilustram o grau em que tanto a performance e a política quanto a performance como política

abarcam repertórios culturais e práticas de legitimação múltiplos, sobrepostos, e frequentemente contestados. Uma questão perpassa o ensaio: como o *faz de conta* (*make believe*) realmente *produz crença* (*make believe*) e molda realidades políticas?

Beverly Stoeltje, pesquisadora renomada de estudos de performances culturais e colega de Bauman nos Departamentos de Antropologia e de Folclore e Etnomusicologia da Indiana University, lança um olhar para outra eleição, desta vez em Gana. Em “Ganhando uma eleição com performance: transpondo limiares em Gana”, a autora apresenta o caso de um político que, valendo-se do poder da performance, em 2008, recorreu a uma estratégia inovadora na campanha eleitoral: conjurou uma maldição, insinuando que o partido rival havia feito acusações falsas contra o seu partido. Fazendo uso da mídia moderna, ele persuadiu os eleitores e seu partido saiu vitorioso. Beverly discute, então, o elevado valor atribuído à performance na cultura asante e o papel da maldição na sociedade. Argumenta que a performance serve como força dinâmica para a interação social e política, possibilitando transpor limiares na prática e revelar contradições por meio da performance de rituais.

Paulo Raposo, um dos convidados do *Encontro Nacional de Antropologia e Performance* – ENAP – (2010), diretor do Centro de Estudos de Antropologia Social do Instituto Universitário de Lisboa, volta as suas atenções para projetos performativos dedicados, sobretudo, à dança e à música de traços árabes ou orientais. Em “Performando orientalismos: do harém à Primavera Árabe”, o autor analisa como as representações e as autorrepresentações da cultura árabe se projetam em eventos performativos particulares como são as recriações históricas de matriz cristão no mundo ocidental, nomeadamente em Portugal e Espanha.

Também participam do dossiê as coordenadoras e um dos membros do Grupo de Estudos em Oralidade e Performance (GESTO) da Universidade Federal de Santa Catarina: Esther Jean Langdon, Vânia Z.

Cardoso e Scott C. Head. Esther Jean Langdon, fundadora/coordenadora do grupo, que estudou com Richard Bauman, é uma das precursoras de estudos de performance no Brasil. Em “A viagem à Casa das Onças: narrativas sobre experiências extraordinárias”, a autora atribui expressamente a Bauman a inspiração para colocar em relevo a função estética da performance nas narrativas orais da experiência xamânica entre os Siona na Colômbia. No intuito de explorar a relação entre a experiência extraordinária, performance e perspectiva, este trabalho analisa uma narrativa relatada por vários Siona sobre a época de sua juventude e aprendizagem xamânica – “A viagem à Casa das Onças”. A análise aponta para as estratégias que permitem à performance criar experiências, transmitindo conhecimento xamânico e informando sobre a troca de perspectivas e o poder xamânico.

Vânia Cardoso e Scott Head, em “Encenações da *descrença*: a performance dos espíritos e a presentificação do real”, exploram os sentidos da *descrença* que impregnam tanto estórias sobre “espíritos”, contadas pelos que lhes procuram em busca de “conselhos” e “ajuda” em centros religiosos afro-brasileiros, como estórias sobre a mandinga da capoeira.

No percurso da maioria dos membros do Napedra, observa-se a força gravitacional exercida por um conjunto de leituras associadas, particularmente, à vertente dramatúrgica de estudos de performance, nas interfaces de antropologia e artes cênicas. Em alguns destes trabalhos, destaca-se o interesse em repensar a antropologia da performance e da experiência a partir do pensamento de Walter Benjamin. John C. Dawsey, coordenador do Napedra, em “Descrição *tensa* (*tension-thick description*): Geertz, Benjamin e performance”, percorre os limiares, as dobras e os fundos do ensaio de Geertz sobre a briga de galos balinesa. Nessas margens interiores, seguindo os rastros dos corpos no texto (os seus índices de corporalidade, ou corpo-índices), John procura repensar algumas das ideias da antropologia da performance. Se Clifford Geertz,

um dos antropólogos que fazem a virada performativa, nos anos 1970, se propõe a fazer uma “descrição densa” em que seja possível diferenciar um piscar de olhos de uma piscadela marota. Walter Benjamin, que também encontra na vida social, em suas histórias e culturas, textos a serem lidos, procura, nas imagens dialéticas, uma “descrição *tensa*” (*tension-thick description*) – carregada de tensões – capaz de produzir nos leitores um fechar e reabrir dos olhos, uma espécie de assombro diante de um espantoso cotidiano – um despertar.

Acima de tudo, percebe-se na experiência de pesquisadores do Napedra o interesse por constelações de estudos de performance num universo descentrado e em expansão. Neste sentido, é importante mencionar outro desdobramento do projeto temático do Napedra: a publicação, em breve, de uma coletânea intitulada *Antropologia e performance: ensaios Napedra*, com artigos de 23 dos seus membros: Adriana de Oliveira Silva, Alice Villela, Ana Cristina Oliveira Lopes, Ana Goldenstein Carvalhoes, Ana Lúcia Ferraz, Carolina de Camargo Abreu, Celso Vianna Bezerra de Menezes, Danilo Paiva Ramos, Denise Pimenta, Diana Paola Gómez Mateus, Edgar Teodoro da Cunha, Eduardo Néspoli, Francirosy C. B. Ferreira, Giovanni Cirino, John C. Dawsey, Kelen Pessuto, Luciana Lyra, Marcos Vinicius Malheiros Moraes, Marianna F. M. Monteiro, Regina P. Müller, Romain Jean-Marc Pierre Bragard, Rose Satiko G. Hikiji e Rubens Alves da Silva.

John Cowart Dawsey
Universidade de São Paulo

Regina Pólo Müller
Universidade Estadual de Campinas

Rose Satiko Gitirana Hikiji
Universidade de São Paulo

Notas

- ¹ Esta é a posição de Joseph Roach e Dwight Conquergood, que foram diretores, respectivamente, dos programas de estudos de performance da New York University e da Northwestern. Cf. Carlson (1999, p. 189).
- ² A “virada performativa” envolve uma mudança paradigmática. Questionando o texto-centrismo e a primazia das análises de estruturas sociais e simbólicas em diversos campos, pesquisadores voltam suas atenções para a ação humana e para o modo como os sentidos do corpo são mobilizados na significação do mundo.
- ³ O neologismo “encorporação” procura apontar para o sentido do substantivo *embodiment*.

Referências bibliográficas

- AUSTIN, John L.
1962 *How to do things with words*. Cambridge, Mass., Harvard University Press.
- BAUMAN, Richard
1977 *Verbal art as performance*. Prospect Heights, Illinois, Waveland Press.
- CARLSON, Marvin
1999 *Performance: a critical introduction*. London and New York, Routledge, 1999.
- HYMES, Dell H.
1962 “The ethnography of speaking”. In: GLADWIN, Thomas & STURTEVANT, William C. (orgs.), *Anthropology and human behavior*. Washington, DC: The Anthropological Society of Washington.
- MALINOWSKI, Bronislaw
1935 *Coral gardens and their magic*. London, G. Allen and Unwin.
- PRADIER, Jean-Marie
1995 “Ethnoscénologie manifeste”. In *Theatre/Public*, n. 123, maio-jun, pp. 46-48.

SCHECHNER, Richard

1985 *Between theater and anthropology*. Philadelphia, University of Philadelphia Press.

TAYLOR, Diana

2003 *The archive and the repertoire*. Durham e Londres, Duke University Press.

TURNER, Victor

1982 *From ritual to theatre: the human seriousness of play*. New York, PAJ Publications.

1985 *On the edge of the bush: anthropology as experience*. Tucson, Arizona, The University of Arizona Press.